

## 1. Matou-o com um farol de mota (que era o que tinha na mão).

Valera tinha ficado para trás do seu esquadrão e estava a cortar os cabos do farol de outro motociclista. Este, Copertini, estava morto. Valera não sentia tristeza, coisa estranha, embora Copertini tivesse sido seu camarada de armas, pessoa com quem Valera andou a acelerar sob o néon branco da Via del Corso, muito antes de ambos entrarem como voluntários para o batalhão motociclista, em 1917.

Foi Copertini quem se riu de Valera quando ele se estampou na Via del Corso por causa dos carris dos elétricos, que podiam ser muito escorregadios numa noite de neblina.

Copertini considerava-se melhor condutor, mas foi Copertini quem andou demasiado depressa no arvoredado denso e quem foi de cabeça contra uma árvore. O quadro da mota ficou todo retorcido, mas a lâmpada do farol tinha intacto o filamento e ilumina agora debilmente um bocado de terreno e umas ervas altas. A mota de Copertini é de um modelo diferente da de Valera, mas usam as mesmas lâmpadas. Valera queria uma sobressalente. Dava jeito, uma sobressalente.

Ouviu o débil uuuch de um lança-chamas e o eco disperso das granadas. Combate-se do outro lado de um vale profundo, perto do rio Isonzo. Aqui está calmo e sem ninguém, somente o bailado de prata das folhas das árvores bulindo com a brisa.

Estacionada a mota, deixou a espingarda Carcano atrás amarrada à rede bagageira e tratou de desmontar o farol, torcendo-o para soltar o casquilho da lâmpada do seu suporte. A coisa resistiu. Estava a puxar os cabos de fixação quando de trás de uma fila de choupos irrompeu um

homem, inequivocamente alemão, com a farda verde e amarela e sem capacete, qual jogador de rãguebi enviado a combater.

Valera soltou o pesado invólucro metálico e decidiu-se por uma placagem. O alemão caiu. Valera caiu a seguir. O alemão ergueu-se nos joelhos e tentou agarrar o farol, que tinha mais ou menos o tamanho e a forma de uma bola de rãguebi, mas mais pesado, com uma trança de cabos cortados a arrastar, como um nervo ótico seccionado. Valera tratou de recuperar o controlo sobre o farol. Pontapeou-o por duas vezes mas a coisa ia sempre ter ao alemão. Valera derrubou-o, deu-lhe uma joelhada na cara e soltou-lhe os dedos do farol. Afinal, ali não há marcação de faltas por jogo sujo, não há ninguém no arvoredo sossegado que lhe vá mostrar um cartão vermelho. O seu pelotão vai uns quilómetros à frente e este alemão isolado separou-se do seu grupo, perdido entre os choupos.

O alemão empinou-se, tentando uma carga de ombro contra ele.

Valera rachou-lhe a cabeça com o farol.

## 2. América espiritual

Saí do sol, desapertando a correia do queixo. O suor acumulava-se ao longo da minha clavícula, pingava-me pelas costas abaixo e entrava nas minhas cuecas de *nylon*, escorrendo pelas pernas dentro do fato de cabedal de corrida. Tirei o capacete e o pesado blusão de couro, pousei-os no chão e abri o fecho dos respiros das calças de mota.

Fiquei muito tempo a seguir a lenta deriva das nuvens, grandes massas fofas tosquizadas a direito nas arestas inferiores como se estivessem a derreter num tabuleiro quente.

Havia coisas que não tinha outra hipótese senão ignorar, como o efeito do vento nas nuvens, enquanto voasse estrada fora a cem milhas à hora. Não tinha pressa, nenhum compromisso. A velocidade não tem de ser uma questão de tempo. Nesse dia, guiar uma Moto Valera para leste de Reno era uma questão de querer viajar no mapa do Nevada colado ao meu depósito de gasolina ao mesmo tempo que viajava no Estado do Nevada. Passar a estafada órbita leste de Reno, os bordéis e as sucatas, a grande central elétrica fumarenta e a sua cama de gato de bobinas, molas e redes, um comboio de mercadorias ocasional e os meandros da secura estival do rio Truckee, com escolta de linhas férreas e rio até Fernley, onde ambos cortam para norte.

A partir daí o terreno é desprovido de cor e especificidade, é tufos de salva com pó e a incessante mesmice da estrada. Ganhei velocidade. Quanto mais depressa ia, mais ligada ao mapa me sentia. O mapa disse-me que cinquenta e seis milhas depois de Fernley chegaria a Lovelock e cinquenta e seis milhas depois de Fernley cheguei a Lovelock. Ia de um ponto no mapa para outro ponto no mapa. Winnemucca. Valmy. Carlin. Elko. Wells. Sentia um grande espírito de missão, mesmo quando me fui sentar sob a cobertura de um parque de camiões, com suor a correr-me pelos lados da cara, uma brisa anónima, quente e seca, a sugar

a humidade para fora da minha fina camisola interior. Cinco minutos, disse para mim. Cinco minutos. Se ficasse mais tempo, o lugar que o mapa descreveu podia alastrar.

Um letreiro de um lado ao outro da estrada dizia SCHAEFER. QUANDO VOCÊ QUER MAIS QUE UMA. Um pássaro azul aterrou no ramo de um arbusto de sumagre sob o vão alto e largo das pernas do letreiro. O pássaro espalhou-se no ramo flexível, penas de um azul perfeitamente regular, como se tivesse sido pintado à pistola na fábrica. Pensei em Pat Nixon, de olhos escuros intensos e roupas de cerimónia armadas pela goma e pelo bordado a pérolas. Cabelo pintado da cor do *whiskey* e armado em ondas indeléveis. O pássaro ensaiou um assobio curto, um som de meio-dia isolado, perdido na fila infinita de pivôs de irrigação ao longo da estrada. Pat Nixon era do Nevada, como eu, e como o empertigado passarinho estadual, tão azul à luz do dia. Era o produto marado de um instituto de beleza que se tornou primeira-dama. Agora o mais provável é irmos ter Rosalynn Carter com a sua voz vítrea e rosto inexpressivo, largo e afável, radiante de caridade. Mas Pat é que mexeu comigo. As pessoas mais difíceis de amar propõem um desafio e o desafio torna mais fácil amá-las. É-se levado a amá-las. As pessoas que se querem fáceis de amar, no fundo, não querem amor.

Paguei a gasolina ao som dos homens que na sala de vídeos jogavam Night Driver. Sentavam-se nuns vistosos *cockpits* rebaixados feitos de fibra de vidro moldada, guiando aos sacões, nós dos dedos brancos, tentando evitar os refletores nas barras de proteção de ambos os lados da estrada, e os *cockpits* de fibra de vidro estremeciam e balouçavam quando os homens guinavam tentando furtar-se à catástrofe, praguejando, zurzindo iradamente o volante com o cutelo da mão quando ardiam e se estampavam. Tem sido assim já há vários parques de camiões. É assim que os homens descansam da condução. Mais tarde contei ao Ronnie Fontaine. Percebi que era uma coisa a que Ronnie iria achar especialmente piada, mas ele não se riu. Disse — Pois, topas. É o que tem a liberdade — e eu disse — Quê? — e ele disse — Ninguém a quer.

O meu tio Bobby, que ganhava a vida a remover terras, passou os últimos momentos da sua existência a abanar a perna para carregar na embraiagem enquanto acamado no hospital, o seu corpo determinado a manobrar o camião com báscula embraiando e metendo mudanças enquanto corria para a morte numa cama hospitalar. — Morreu a trabalhar — disseram os dois filhos, sem comoo. Bobby era demasiado mau para eles lhe terem amor. Scott e Andy foram forçados a lubrificar o camião de Bobby todos os domingos e depois, quando ele morreu e eles

passaram a ter domingos, a lubrificar os seus próprios camiões. Bobby era irmão da minha mãe. Quando eu era pequena, vivíamos todos juntos. A minha mãe trabalhava de noite e Bobby era tudo o que tínhamos para pai. Depois de acabar o serviço no camião, sentava-se inexplicavelmente nu a ver televisão e mandava-nos carregar nos botões por ele, para não ter de se levantar. Preparava para ele um grande bife e a nós dava massa chinesa instantânea. Às vezes levava-nos até um casino, deixava-nos no parque de estacionamento com foguetões feitos de garrafas. Ou punha-se a acelerar de frente contra os carros na outra via da Interestadual 80; eu, Scott e Andy no banco de trás tapávamos os olhos. Venho de uma gente impiedosa e sem sentimentos. O Sandro usou isso contra mim algumas vezes. Insistia em que eu tinha entrado na vida dele para o torturar, quando era tudo ao contrário. Fazia-se de ofendido quando eu é que era a ofendida. O Sandro era quem mandava em tudo. Era catorze anos mais velho do que eu e artista de sucesso, alto e de boa apresentação na sua roupa de trabalho e botas com biqueiras de aço, o mesmo tipo de roupa que usavam Bobby, Scott e Andy, mas que no Sandro dava mais qualquer coisa: um tipo com herança de família que sabia usar uma pistola de pregos, um berbequim, uma pessoa que o dinheiro não amoleceu, que se vestia como um operário, por vezes como um vadio, mas que ficava elegante nessa roupa e nunca se atrapalhava com a questão de se encaixar ou não nas situações (a questão em si é prova de não se encaixar).

O Sandro tinha em casa, em cima da secretária, uma fotografia dele em pose num sofá ao lado do Morton Feldman com aqueles óculos fundo-de-garrafa; o Sandro, muito calmo e indiferente, levanta uma cadeira carregada, o cano comprido como uma longa metade da letra X cruzando diagonalmente a foto. Traçando-a. Era uma imagem a preto-e-branco mas via-se que o Sandro tem uns olhos do azul-esbranquiçado dos lobos que lhe dão uma intensidade fria, astuta. A fotografia foi tirada em Rhinebeck, onde os amigos dele, Gloria e Stanley Kastle, tinham casa. Deixavam o Sandro disparar armas na propriedade, várias pistolas e espingardas que ele colecionava, algumas fabricadas pela empresa da sua família antes de saírem do negócio das armas. O Sandro gostava sobretudo de caçadeiras e dizia que quem quisesse matar alguém, era disso que precisava, de uma caçadeira. Era uma coisa dele, dar a entender sucintamente, no seu ligeiro sotaque que nem chega a ser italiano, que podia matar uma pessoa se fosse preciso.

As mulheres reagem bem a isto. Faziam-se a ele ali, à minha frente, como a galerista Helen Hellenberger, uma grega severa mas muito bo-